



Empobrecer não é caminho

CONTROLAR PREÇOS

PROTEGER SALÁRIOS



Foto: José Coelho, Lusa

A inflação está em 8%, a mais alta dos últimos trinta anos. O governo deixa cair os salários enquanto recusa intervir nos preços. O povo empobrece, mas a especulação continua “a criar excêntricos de um dia para o outro”.



Na crise financeira de há quinze anos, as loucuras da banca foram pagas por quem vive do seu trabalho e teve salários cortados e menos serviços públicos; na pandemia, quem vive na precariedade ficou ainda mais vulnerável; no atual ciclo de inflação, a especulação continua à solta e os salários encolhem sob a pressão dos preços. Enquanto isso, a fina película dos 1% mais ricos da população já controla mais de 80% da riqueza mundial.

Esta crise de inflação é gerada do lado da oferta - especulação nos combustíveis e nas margens de lucro da distribuição alimentar. Ora, o Partido Socialista quer negar essa realidade

para convencer o país de que atualizar salários e pensões seria perigoso. Ora, o que estamos a viver é uma inflação nascida da especulação com os preços. Não é um perigo, é já uma realidade à qual o PS não responde, pois recusa-se a controlar os preços dos bens essenciais.

Os salários ficam mais longe do fim do mês, mas os administradores das maiores empresas portuguesas aumentaram os seus próprios rendimentos em 90% enquanto anunciavam distribuição de milhões em dividendos aos acionistas. Estamos perante a transferência de rendimentos dos trabalhadores para os capitalistas, pela via da inflação.

Solidariedade com o povo ucraniano



→ PÁG. 4

Roteiro pela Justiça Climática



→ PÁG. 3



Foto: António Pedro Santos, Lusa

Governo coloca a crise aos ombros de quem trabalha

O tempo da “geringonça” foi um breve parêntesis que o PS fechou assim que pôde. E António Costa abandonou até os poucos e modestos objetivos dos últimos anos. Confirma-se que a maioria absoluta é perigosa.

- × **Médico de família para todos?** Já saiu do programa do PS.
- × **Solução para 25 mil famílias em carência de habitação digna?** Novamente adiada.
- × **Recuperação dos salários?** O que teremos é quebra salarial por falta de atualização à taxa da inflação.
- × **Reforma em massa dos professores?** Os anúncios do governo deixam antever que, a partir de setembro, milhares de estudantes passarão meses sem aulas.

Alternativa verde e vermelha

No parlamento, António Costa costuma dar respostas certas a André Ventura. O problema é que, na vida de todos os dias, o PS de sempre, o PS que foge da esquerda e não responde ao essencial, alimenta o ressentimento social que a extrema-direita explora. Pela nossa parte, enfrentaremos não só o governo mas também as direitas radicalizadas - seja a IL do egoísmo liberal, seja o Chega e a sua política de ódio. Só a esquerda pela igualdade e pelos direitos pode derrotá-la.

O Bloco de Esquerda é a alternativa vermelha e verde, pelo trabalho e pela justiça climática, que se levanta contra todas as opressões. Continuaremos a colocar como prioritária a luta contra a privatização dos serviços de saúde. Esse processo avança rapidamente, aproveitando a passividade do governo. Sob a maioria absoluta, a esquerda não tem força para impor a negociação de medidas necessárias. O Bloco será a voz dessa exigência cidadã.



Foto: Mário Cruz, Lusa

Educação

Negligência do governo deixa alunos sem professores

No corrente ano letivo, ao segundo mês de aulas, faltavam ainda 700 professores nas escolas de todo o país. Cada ano que passa, pior. Nos próximos dez anos, vão reformar-se mais de metade dos atuais professores.

O governo do PSD cortou, entre 2010 e 2015, um em cada cinco professores (começando pelos mais jovens e precários). Depois, António Costa recusou sempre resolver o problema do envelhecimento dos professores (em média, têm mais de 50 anos). Ao longo da próxima década, é preciso contratar mais de 3500 professores por ano, mas para o conseguir é necessário mudar as condições da profissão para atrair estudantes à carreira de professor.



O Bloco propõe: vinculação extraordinária dos professores hoje precários, apoiar professores deslocados nos transportes e habitação, reconhecer direitos aos professores com horários incompletos, rever a formação inicial, permitir a progressão na carreira (hoje bloqueada). O Bloco tem soluções até agora recusadas pelo PS.

Alojamento local

As casas são para viver

É urgente recuperar para o arrendamento milhares de casas hoje capturadas pelo negócio do alojamento local para turistas.

Em Março, o Supremo Tribunal de Justiça foi claro: as casas registadas com destino à habitação não podem ser utilizadas para alojamento local. Este negócio baseia-se numa ilegalidade, mas o governo escolheu fechar os olhos.

Milhares de casas que serviam para habitação, licenciadas para essa exclusiva finalidade, alimentam hoje o mercado do alojamento local. O crescimento desenfreado desse negócio é uma das razões do incomportável aumento do preço das casas em cidades como Lisboa e o Porto. Lisboa é uma das cidades mais caras do mundo para se viver, considerando o rendimento dos habitantes e o preço das casas. Ganhou a especulação imobiliária, perdeu o direito à habitação.

Há duas formas de responder à inflação.

A primeira é controlar preços e lucros excessivos enquanto se protege rendimentos. A segunda é não tocar nos preços e nos lucros excessivos enquanto os rendimentos se degradam.

Este Orçamento faz uma escolha muito clara: não controla os preços, não toca nos lucros das empresas de energia, não atualiza salários, não atualiza pensões, não atualiza o salário mínimo à inflação. O governo tem mais receita e prevê redução do défice, mas impõe ao povo o empobrecimento.

— MARIANA MORTÁGUA

debate do Orçamento do Estado para 2022



Foto: José Sena Goulão, Lusa

O Bloco propõe:

Aumento intercalar de todos os salários.

Aumento imediato do salário mínimo em 30 €.

A realidade dos salários



40% dos jovens recebem o salário mínimo



Metade dos trabalhadores recebem menos de 1000€



1 em cada 10 trabalhadores recebe menos de 554€ (limiar da pobreza)



70% dos novos empregos são precários



Foto: Lusa

Roteiro pela Justiça Climática



Ao longo dos próximos meses, o Bloco de Esquerda realiza um Roteiro pela Justiça Climática, dezenas de iniciativas que percorrerão estradas e praças de todos os distritos do país exigindo as respostas globais e nacionais que continuam a faltar.

Quando os gigantes da energia e todo o poder do dinheiro se juntam para manter o ritmo da devastação, a luta pelo planeta é uma luta anticapitalista. Só a planificação ecológica, com o controlo público do setor energético, pode impor investimento público e criação de emprego que promovam a transição energética, produtiva e do consumo.

Principais iniciativas:

25 JUNHO → LISBOA

1 JULHO → VIANA DO CASTELO

2 JULHO → BRAGA

24 JULHO → ZAMBUJEIRA DO MAR

Mais informações em esquerda.net

Alterações climáticas

Sem tempo para mais mentiras

Os líderes dos maiores países e dos grupos económicos mundiais afirmam que fazem o que podem, mas que a mudança é sempre lenta. Tudo mentira, diz a ONU: nem fazem o que podem, nem a mudança pode ser lenta. Temos pressa, pode já ser tarde demais para evitar grandes catástrofes.

A questão do Clima é uma questão de sobrevivência da espécie e é uma questão democrática.

A grande mentira é a que nos manda confiar num capitalismo "verde" ou nos garante que lá iremos com pequenos passos. O poder dos gigantes da energia e o alinhamento dos Estados com estes interesses - mais poderosos do que muitos Estados - é o maior obstáculo à resposta climática. E não se pense que este condicionamento da democracia é lá longe.

As metas de redução de emissões nunca foram cumpridas, pelo contrário, e não há grandes dúvidas de que o aquecimento global superará 1,5°C no curto prazo, o ponto de não retorno. O que fizermos na próxima década determinará as condições da nossa sobrevivência.

Ninguém está acima da crise climática, mas são sempre os mais pobres quem mais perde e mais depressa. O rasto de devastação dos fenómenos climáticos extremos, a fome, os refugiados do clima. Ignorando a desgraça, os gigantes do extrativismo aceleram o rasto da destruição. Querem ganhar mais, muito mais, no tempo que tiverem. Enfrentá-los é enfrentar o capitalismo.

ESQUERDA SAÚDE N.º 2

disponível em esquerda.net/saude



Newsletter do Bloco de Esquerda no Parlamento Europeu



Subscreve em:
bit.ly/newsletterladoalado



Recebe notícias do Bloco



MANDA MENSAGEM PARA O 969 764 986 NO WHATSAPP

OU SEGUE O NOSSO CANAL NO TELEGRAM

JUNTA-TE
JUNTA-TE
JUNTA-TE
AO BLOCO



bloco.org
/adere

Solidariedade com o povo ucraniano

A Ucrânia resiste e por isso já está a vencer. A Rússia isola-se e empobrece - e por isso já está a perder. Cabe à ONU abrir o caminho de uma Conferência de Paz que termine a invasão.



O imperialismo russo não tem desculpa. A invasão da Ucrânia e a sucessão de crimes de guerra ali cometidos demonstram a natureza do ditador Putin. É por isso urgente uma solução negociada, que trave a destruição e impeça a internacionalização da guerra.

O risco nuclear existe, as armas de extermínio estão do lado russo e do lado da NATO. E tão indigna é a bravata de Putin ao ameaçar recorrer à bomba atómica, como a de quem finge ignorar essa ameaça. Os Estados Unidos apostam no prolongamento da guerra para enfraquecer a Rússia (e a Europa como um todo), mesmo que o preço seja a destruição da Ucrânia que dizem proteger. Não usamos critérios diferentes para con-

denar os crimes cometidos pelos Estados Unidos na ocupação do Iraque e aqueles cometidos pelas tropas de Putin nas cidades ucranianas. Não temos uma posição sobre a autodeterminação do povo palestino e outra sobre o direito da Ucrânia à sua soberania.

O apoio ao povo ucraniano - incluindo em meios de auto-defesa, que aprovamos - não pode ser confundido com apelos à escalada militar, à expansão da NATO e a que se descarte os riscos de uma deriva atómica. Tal como assumido pelo governo ucraniano logo nos primeiros dias da guerra, uma solução duradoura implica a retirada russa e a neutralidade militar da Ucrânia. Essa é a posição do partido da Paz.



Palestina vencerá

A polarização das atenções na invasão da Ucrânia e no choque energético instalou uma cortina de silêncio sobre muitos crimes cometidos nos últimos meses por regimes autoritários em todo o mundo. Como sempre acontece em tempos de indiferença internacional, a guerra de Israel contra o povo palestino conheceu episódios especialmente cruéis.

O Bloco de Esquerda está solidário com a resistência nacional do povo palestino e condena a atuação de Israel, responsável pela contínua expansão dos colonatos ilegais e por assassinios como o da jornalista americana-palestina Shireen Abu Akleh, cuja cerimónia fúnebre foi mesmo atacada por militares israelitas.



Marisa Matias, eurodeputada do Bloco de Esquerda